

A COR DA MEMÓRIA: PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO DO ACONTECIMENTO POLÍTICO NA MÍDIA

Rudá da Costa Perini¹

O presente trabalho, derivado de recorte de minha dissertação (PERINI, 2019), se propõe a refletir sobre um modo específico de atualização da memória discursiva no discurso jornalístico sobre política. O objetivo principal é analisar o processo de atualização de sentidos atribuídos à cor vermelha na discursivização de um acontecimento político-institucional – o rito ocorrido na Câmara dos Deputados, em 17/04/2016, que colocava em votação o pedido de abertura do processo de impedimento movido contra Dilma Rousseff – no jornal *O Globo* (edição de 18/04/2016). Para tanto, do dispositivo teórico da Análise do Discurso de perspectiva materialista (PÊCHEUX, [1969] 1997, [1975] 2014; ORLANDI, 1987, 1996, 2012), tomo a noção de *memória discursiva*, na qual estão sempre em jogo repetições e deslocamentos, a fim de dar a ver um certo funcionamento do discurso jornalístico ao produzir o gesto de interpretação do acontecimento.

De certo, em qualquer conjuntura sócio-histórica há algo do passado que se mantém (in)visível ao presente. Vemos, ouvimos, lemos, sentimos vestígios do passado. Entretanto, há também os restos do que fora apagado, esquecido – e às vezes, nem sequer restos. Esses vestígios ou restos nos remetem a diferentes – e muitas vezes contraditórias – relações com a memória; são como marcas do que precisa ser lembrado, do que foi apagado, do que foi esquecido, do que foi reconstruído, do que foi simulado, do que foi recalçado: escombros, monumentos, nomes de ruas, museus, arquivos, relatos testemunhais, lendas, costumes, cinzas... A questão é que, através da memória, o que foi, o que se imagina que foi, o que deveria e o que não deveria ter sido pode retornar. “É como se o passado nevasse sobre nós” (ROBIN, 2016, p. 26).

O passado retorna, pois, de diferentes modos. Assim como os monumentos, arquivos, museus, etc. carregam memória, o faz também a linguagem. Em outras palavras, e já me distanciando dessa noção de memória social-cognitiva, há a memória discursiva. A memória discursiva consiste em “[...] todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2012, p. 33-34). Isto é, trata-se do já dito antes e alhures que constitui todo dizer. A partir da noção de memória discursiva, trago uma breve análise de vestígios materializados em *O Globo* (18/04/2016) que atualizam certo lugar de memória.

¹ Mestre em Estudos de Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PPGEL) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente cursa doutorado em Estudos de Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PPGEL) da Universidade Federal Fluminense (UFF) sob orientação da Prof^a. Dr^a. Vanise Gomes de Medeiros com pesquisa financiada por bolsa CAPES.

Em primeiro lugar, é mister destacar que nos jornais a disposição visual dos textos que lá figuram (manchete, lide, notícia, editorial, reportagem, artigo de opinião, etc.) importa, pois também produz sentidos. Ou seja, nos jornais “as palavras têm imagem, forma, cor. Têm corpo” (MEDEIROS, 2003, p. 150). A diagramação, tamanho, cor e destaque da fonte, entre outras, são marcas de uma “sintaxe visual” (MARIANI, 1999, p. 105). Proponho, por conseguinte, pensar na corporificação da palavra como um modo de a posição-jornal se filiar a certa rede de memória.

Na sequência discursiva (SD) abaixo vemos o recorte do elemento jornalístico conhecido por selo. Trata-se de item gráfico que, em geral, é composto por uma imagem, um texto curto, ou as duas coisas. O selo funciona como índice para o que segue, já produzindo sentidos, tanto pela repetição, quanto pelo enquadramento por assunto; funciona como uma espécie de etiqueta. Assim, um selo tem a função de categorizar uma série de textos que abordem determinado tema em uma seção do jornal. Na SD seguinte, vê-se o selo que comparece várias vezes ao longo da seção *País* de *O Globo*. O enunciado em tela, “a batalha do impeachment”, figura, dessa maneira, em diversas páginas.

SD1



O Globo, 18 abr. 2016. Selo, p. 3-30

Em SD1, pergunto-me sobre a escolha de “a batalha do impeachment”, em vermelho, acompanhando uma pequena imagem de perfil de Dilma, para indicar o assunto em pauta ao invés de outros dizeres e escolhas gráficas possíveis como: “impeachment” em azul ao lado de uma foto da Câmara dos Deputados ou “processo de impeachment” em verde e amarelo ao lado da bandeira brasileira. A seleção dessa composição imagético-textual em particular, e não outra possível, não é por acaso. Ela produz sentidos, estabiliza a significação do acontecimento (a votação na Câmara) em uma relação de causa-consequência que vai ao encontro do sujeito-Dilma, representado por uma silhueta obscura – imagem que produz o efeito de alguém que está nas sombras ou no anonimato –, acompanhada por palavras vermelhas, em caixa alta. Atualiza-se, ainda, sentidos de guerra² que constituem o gesto de interpretação jornalístico do acontecimento, sugerindo uma associação entre *batalha*, a imagem de Dilma e *impeachment*. O sujeito-Dilma, nas sombras, associado ao vermelho, visualmente precede a “batalha do impeachment”, como se fosse sua origem.

² Em minha dissertação (PERINI, 2019), investiguei mais a fundo o funcionamento de alguns processos de discursivização do acontecimento político como guerra.

A cor da fonte, o vermelho, captura os olhos pelo destaque em relação a outras cores. O vermelho tem historicidade. Na esfera político-partidária, a cor é associada ao socialismo, ao comunismo e, por deriva, a partidos de esquerda. Ficamos sabendo por Mariani (1996) como, em diferentes jornais que circularam entre as décadas de 1920 e 1980, a cor vermelha significa negativamente certos grupos (o PCB, por exemplo), o que se dá através da construção imaginária do comunismo no Brasil. A autora elenca uma série de denominações atribuídas aos comunistas e ao comunismo, e em muitas delas a cor vermelha comparece. Veja-se algumas denominações para os comunistas: “agitador vermelho”, “blasfemos vermelhos”, “chefes vermelhos”, “praticantes do credo vermelho”, “revolucionários vermelhos”, “tiranos vermelhos” (MARIANI, 1996, p. 140-141). Outras para o comunismo: “ameaça vermelha”, “audácia vermelha”, “credos sanguinários da Rússia vermelha”, “credo vermelho”, “ditadura vermelha”, “extremismo vermelho”, “infiltração vermelha”, “jugo vermelho”, “perigo vermelho”, “vaga passional vermelha” (MARIANI, 1996, p. 141-143).

Tais sentidos configuram uma região na memória discursiva e ecoam em dizeres sobre o Partido dos Trabalhadores (PT), conforme explica a própria autora a respeito do processo de transferência de sentidos atribuídos aos comunistas, primeiramente, para o PT e, conseqüentemente, para partidos de esquerda e movimentos sociais que vão surgindo após a redemocratização. Ao PT, na atualidade, é atribuída ainda a carga de sentidos conferida pelo processo de significação do vermelho, atualizando essa memória de “inimigo comunista”.

A cor vermelha foi/é adotada por diversos partidos comunistas, socialistas, e, por deriva, também adotada por partidos de esquerda, como o PT, no Brasil e no mundo. Dessa maneira, conforme analisa Mariani, a significação da cor no discurso jornalístico, como vimos nas denominações que circularam entre 1922 e 1989, produz sentidos negativos e esses ainda ecoam, sussurram e muitas vezes gritam. Segundo Mariani:

Em meados da década de 60, ao longo dos anos 70 e, sobretudo, nos anos 80, o processo discursivo que instaurou a *negativização sobre os comunistas / comunismo* começa a se alterar. Podemos localizar dois extremos neste período: por um lado, a ditadura impondo, através dos mecanismos de censura, que somente se pode falar *dos comunistas* em reportagens voltadas para o relato de atos ‘terroristas’ e, por outro, a partir de meados da década de 80, em função das mudanças ocorridas no leste europeu e na URSS, encontra-se o início da *minimização do ‘perigo comunista’* no Brasil (MARIANI, 1996, p. 218, grifos da autora).

Adiante, prossegue a autora:

Entre estes dois extremos, com a volta do pluripartidarismo, iniciado o processo de término da ditadura militar, com as greves irrompendo em meados de 1980, com o retorno dos exilados, a palavra ‘esquerda’ vai lentamente ganhando espaço no panorama político. Ao mesmo tempo, uma nova discursivização começa a se engendrar. Os comunistas, “inimigos internos”, deixam de ser os únicos alvos dos processos discursivos de *negativização*: o engendramento de significação anteriormente descrito começa a migrar para aqueles partidos considerados de esquerda, sobretudo o Partido dos Trabalhadores (PT). Isso promove na FDB uma reorganização das fronteiras, resultando na incorporação de novos pré-construtos, e

materializando, na denominação ‘esquerda’, os ‘inimigos’ dos novos tempos (MARIANI, 1996, p. 219, aspas da autora).

O processo significativo do qual fala Mariani, pensando no funcionamento do discurso jornalístico, instaura novos rituais e naturaliza certos sentidos à medida em que vão sendo repetidos, parafraseados.

Em SD1, a presença do vermelho associado à imagem de Dilma inscreve sentidos que se sustentam nessa memória negativa, o que só é possível interpretar a partir da identificação de uma formação discursiva³ que domina a posição-jornal-OGlobo. Funcionamento similar vai se repetindo ao longo do jornal. Vejamos mais SDs:

SD2



O Globo, 18 abr. 2016, p. 5

SD3



O Globo, 18 abr. 2016, p. 6

SD4



O Globo, 18 abr. 2016, p. 7

SD5



O Globo, 18 abr. 2016, p. 8

³ As formações discursivas (FDs) são regiões da memória discursiva que determinam o que pode e deve ser dito em dada conjuntura. O sujeito, portanto, se identifica com tal ou qual FD e, desse modo, suas palavras fazem sentido. Para maior detalhamento das características da FD dominante na edição de O Globo, cf. Perini (2019).

SD6



O Globo, 18 abr. 2016, p. 10

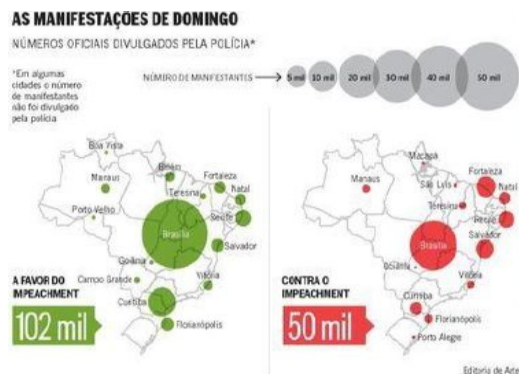
SD7



Revolta vermelha. Integrante do grupo que foi para as ruas defender o mandato de Dilma exbecartaz em São Paulo

O Globo, 18 abr. 2016, p. 14

SD8



O Globo, 18 abr. 2016, p. 14

SD9



O Globo, 18 abr. 2016, p. 16

Para ficar apenas no aspecto imagético, temos nas SDs acima, de diferentes modos, a presença da cor vermelha: seja em fotos da deputada Moema Gramacho, vestida de vermelho, protestando contra o resultado da votação; em uma foto do deputado Jean Wyllys, usando um cachecol vermelho, cuspidando em outro deputado; na coloração de pequenas fotos dos senadores que votariam contra o impeachment (em vermelho) em contraste com os que votariam a favor (em azul); em uma faixa levantada com o dizer “fora cunha” em vermelho em uma cena confusa; em uma foto, sob a legenda “revolta vermelha”, de um jovem vestido de vermelho, gritando e erguendo um cartaz que diz “abaixo o golpe impeachment não” com as palavras “golpe” e “não” em vermelho; em um infográfico trazendo números das manifestações a favor do impeachment (em verde) e contra (em vermelho); e, por fim, em foto da própria Dilma, de costas, vestindo vermelho, aparentemente cruzando com Michel Temer, seus corpos seguindo em direções opostas.

Temos, assim, algumas discursividades nas quais ressoam o efeito de evidência construído para a cor vermelha associada ao comunismo, à esquerda e ao PT, atribuindo a estes o lugar do outro que se quer distante, este outro que cospe num “colega”, que berra dizeres contra as instituições, que dá as costas para o Brasil, que provoca a batalha, que transforma o rito em guerra; o outro que deve ser combatido, o inimigo.

REFERÊNCIAS

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. *O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*. 1996, 254 f. Tese (Doutorado em Linguística). Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas: UNICAMP, 1996.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico: A revolução de 30. In: INDURSKY, Freda & FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs). *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 1999.

MEDEIROS, Vanise Gomes. *Dizer de si através do outro: do heterogêneo no identitário brasileiro*. 2003, 275 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2ªed. Campinas: Pontes, 1987.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes Editores, 2012.

PERINI, Rudá da Costa. *A batalha do impeachment/golpe: os sentidos de um sítio bélico de significância no discurso jornalístico*. 2019, 149f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem). Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

O GLOBO. Rio de Janeiro, 18 abr. 2016. Primeiro Caderno. Disponível para assinantes em: <http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020160418>. Acesso em: mai. 2017.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do Discurso (AAD-69). [1969] In: GADET, Françoise. & HAK, Tony. (orgs). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3ª Ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. [1975] 5ª Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

ROBIN, Régine. *Memória Saturada*. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.